

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 946	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial — Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de portel, m. forte...	3\$800	1\$900	6950	120	10 DE ABRIL DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CONDE DE TATTENBACK, MINISTRO DA ALLEMANHA EM LISBOA

gimento da nossa terra, e a posição superior que vae occupando na politica nacional.

Correu o festim animadamente, como não podia deixar de ser, ou já não haveria em peitos portuguezes um bocadinho de amor patrio.

Na sala brilhantemente illuminada tocava uma orchestra e muitas senhoras occupavam a galeria, accumulando-se sobretudo em frente da presidencia, afim de não perderem palavra dos discursos proferidos. Falou em primeiro logar o sr. presidente da Sociedade, conselheiro Ferreira do Amaral, a quem o sr. Marquez de Soveral respondeu, falando ainda depois os srs. conselheiros Moreira Junior, Eduardo Villaça e Wenceslau de Lima, que geriu a pasta dos negocios estrangeiros na ultima situação regeneradora.



CONDESSA DE TATTENBACK

Chronica Occidental

As chronicas apresentam-se ás vezes difíceis, por dois motivos exactamente contrarios: umas vezes, porque um só facto domina e é preciso tratá-lo como a quem é na sua importancia; outras, porque a serie das insignificancias é muito larga e um homem não sabe como empregal-as com os devidos commentarios. No primeiro caso ha sempre recursos, ainda quando faltasse ao facto que celebra o conhecimento pessoal do auctor; não se fallou n'outra coisa, a opinião nasce das conversações dos outros. Mas, quando os factos são insignificantes, sem nada de politica, chuva ou bom tempo, uma *soirée* intima ou concerto de curiosos de que se falla a pedido d'um convi-

dado, então os linguados brancos que se estendem ante os nossos olhos são pavorosos como espectros.

Não succedeu agora assim: os acontecimentos que mais deram que falar apresentaram-se enfiados uns nos outros do tamanho de padre nossos n'um rosario. Parecia até impossivel que, depois das viagens dos soberanos estrangeiros a Portugal, um caso se desse immediatamente de que podessem chronistas lançar mão com o maior gosto. E deu-se, e tem que ficar archivado como caso raro de gratidão manifestada pelos portuguezes, vulgarmente tão ingratos, a um dos seus mais prestantes servidores.

Referimo-nos ao banquete realizado na grande sala Portugal da Sociedade de Geographia em homenagem ao Marquez de Soveral representante de Portugal em Londres, onde tem prestado os mais altos serviços ao seu paiz, homem a quem devemos grande parte, se não a maior, do resur-

Todos exaltaram as distinctas qualidades do festejado, sua intelligencia superior, sciencia de viver, honradez e nunca desmentido patriotismo. Succederam-se as aclamações no final de cada discurso.

Todos os convivas pertenciam á Sociedade, mas o applauso ao illustre diplomata encontrava eccos tambem cá fóra, em todos os que se interessam pelos progressos de Portugal e em muitos corações de amigos que conhecem de Luiz Soveral o excellente coração, unico rival em grandeza de sua tão demonstrada intelligencia.

E' coisa tão rara ver-se um politico festejado em nossa terra, sem que logo se erga d'algum lado opposto reclamações e motejos, que é forçosamente com desprazer que temos de volver os olhos para as questões por vezes muito mesquinhas em que a politica faz revolver os homens que n'ella entram e logo pagam carissimo as suas ambições.

As côrtes abriram, mas pouco por enquanto teem dado que fallar. Mas já os srs. Hintze Ribeiro e Baracho deram a entender que não deixarão grande descanso aos srs. ministros. Já foram nomeados muitos pares novos; mas tres vagas ficaram por preencher. Segundo diz o correspondente de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro*, pessoa muito auctorizada, terão sua entrada na camara alta tres pessoas cujo nome anda na voz publica.

Isto interessa particularmente os politicos, mas o assumpto dos tabacos está interessando toda a gente. Ha quantos dias, ha quantos mezes até dura essa questão! Os jornaes transcrevem-se mutuamente e dias ha em que tabacos e phosphoros occupam toda a primeira pagina em letra compacta, aqui ou além ennegrecida por algum normando, coisa de maior importancia.

Irá ou não o sr. José Luciano á camara? Eis outro ponto que se discute com violencia.

E enquanto nós aqui nos esalfamos com as questões financeiras — o que não quer dizer, apesar do discurso da corôa ser todo cor de rosa, que essas não sejam da maxima importancia — enquanto officios se fabricam e falam de mais ou menos algumas centenas de contos, vamos lendo já com menor interesse o que lá por fóra vae, n'essa Russia que afinal se impacientou apoz tantos annos de submissão.

A revolta continua, e até no dia em que o imperador Guilherme II deixou Portugal, um telegramma chegou, dizendo que o Czar, farto de soffrer, tentara contra a vida, acudindo-lhe a Imperatriz velha, a salvá-lo. O telegramma foi desmentido; mas dias depois outro chegava falando d'um assassino que fóra no paço encontrado disfarçado em official e levando consigo duas bombas de dynamite.

As nossas questões caseiras tiram-nos o tempo todo, já mal temos olhos para cuidar do que vae lá tão longe. A guerra continua, e já é quasi com indiferença que ouvimos fallar em negociações de paz. Russos e japonezes já se foram costumando a morrer.

Para ainda maior preguiça de pensar em coisas tristes o mez de abril vae correndo que é uma formosura, apenas com um bocadinho de calor a mais. A Semana Santa está-nos batendo á porta; são mais uns dias de ferias que muitos não-de querer aproveitar para vêr o campo, respirar um ar melhor, ouvir os passaritos, uns no ar como as calhandras, outros nos vallados como os melros, todos, por toda a parte, cantando o hymno da primavera.

Os lavradores é que não estão tão contentes como o não-de mostrar os rostos dos que, depois d'um inverno inteiro na cidade, passearem por entre os choupos as sombrinhas claras das esposas e das filhas, olhando por entre os trigos as papoilas rubras, scintillantes ao sol, a espreitarem. Tudo isso e bello, mas nada por ora é bom.

O barometro desce de vez em quando, e o lavrador, logo que se levanta, olha para o catavento que, uma vez por outra, lhe dá alguma esperança. Os patos sobretudo querem agua. Em Hespanha, o inverno secco, já começou a tornar-se cruel; em certas provincias ha fome.

Antes da Semana Santa choverá talvez e á alegria do campo corresponderá depois, nos primeiros dias de sol, a alegria ainda maior dos proprietarios.

Lisboa, enquanto espera, não tem grandes razões de queixa. Até coisas d'artes ultimamente lhe teem sido concedidas para entreter-se, apesar da falta que fazem a muitos os espectaculos de S. Carlos, que este anno fechou com uma recita de gala, chave d'oiro para o sr. Pacini.

Teve Lisboa a exposição de quadros dos discipulos de Carlos Reis e a exposição dos azuleijos de Jorge Colloja. Terá brevemente os concertos da orchestra de Lamoureux, novidade apresentada pelo grande empresario Visconde de S. Luiz de Braga.

Pintura e musica! Não estamos a isso tão costumados que possamos deixar de mencioná-lo como prova evidente de que vae Lisboa civilizando-se.

Os theatros é que estiveram este anno pouco dados a chamar a attenção. Não houve n'elles novidade que ficasse marcando epoca. Creio que não a haverá d'aqui até o fim da epoca que, para muitos d'elles, já se annuncia para breve.

Em compensação de não ter havido nenhum grande exito de bilheteira, tambem nenhum grande desastre merece especial menção. Uma brisita, melhor ou peor, lá lhes encheu as velas e com ella navegaram até o porto onde hu-de separar-se a tripulação. Desastre nenhum.

O que já se começa é a fallar muito de abaladas. Vão uns para o Rio de Janeiro, outros para o norte do Brazil, uns para as ilhas, outros correr as provincias do continente. A vida vae dura; o que se ganha no inverno não permite que se atravesse o verão sem mais ajuda. Vapores, comboios, diligencias, lá vão companhias e faranchulas levar a brasileiros e provincianos os ultimos exitos e peças velhas de seguro effeito.

Parte da companhia do theatro de D. Maria tenciona visitar algumas cidades do norte do Brazil: Angela Pinto irá dar uma volta pelos Açores.

O mais importante em theatro é a entrada de Brazão e Lucilia para o theatro de D. Maria, o que já está decidido. Parece que tambem acompanharão estes artistas as actrices Adelina Abranches, Delfina Cruz e Maria Pia de Almeida. Teremos assim, outra vez, no nosso primeiro theatro de declamação, com os excellentes elementos que já tinha, uma excellente companhia.

Corresponda o repertorio e temos theatro, se houver juizo.

João da Camara.

S. M. o Imperador Guilherme II em Lisboa

(Conclusão)

O clou das festas do segundo dia em honra do Imperador da Alemanha (28 de Março) foi a recita de gala, para a qual ha muitos dias se offercia 30000 e 40000 por um bilhete de platêa, sem que houvesse uma alma generosa e necessitada que quizesse vender.

O programma do dia 28 marcava em primeiro lugar a visita de S. Magestade Imperial ás dependencias do quartel de cavallaria 4, o que effectivamente se realizou, começando a visita de Guilherme II pela sala d'armas onde se demorou a ver as bandeiras e estandartes d'aquelle regimento merecendo-lhe exame mais minucioso a bandeira que acompanhou Mousinho d'Albuquerque na expedição aos namarraes.

D'alli passou á bibliotheca, seguindo depois para as casernas e cavallariças que formam um corpo independente do edificio, cozinhas, refeitório dos sargentos etc., manifestando o imperial visitante o seu applauso pelo asseio e ordem em que tudo se encontrava.

O Imperador ao entrar no gabinete do commandante assignou o livro dos visitantes.

No picadeiro do quartel foram executados diferentes exercicios tanto por cavallaria 4 como por lanceiros d'El-Rei.

A esta visita seguiram-se os exercicios no hypodromo de Belem, correndo todas as evoluções com a maior equaldade, apezar de algumas terem sido de difficil execução.

Tambem aqui S. Magestade Imperial se mostrou muito bem impressionado, elogiando ao sr. ministro da guerra a firmeza, disciplina e agilidade dos nossos soldados.

Dos exercicios seguiu Guilherme II para os Jeronymos, onde fez uma demorada visita, bem como á Casa Pia, sendo acompanhado pelo illustre provedor, nosso particular amigo, sr. Costa Pinto e todo o corpo docente que ali se encontrava.

Na Sociedade de Geographia a recepção do Imperador Guilherme foi uma das manifestações mais imponentes e grandiosas que ali se tem realisado.

A concorrência mais numerosa do que nas mais concorridas sessões solemnes sobrepujava não só a sala Portugal e as salas contiguas, como as galerias onde numerosissimas senhoras afrontavam um calor asfixiante e o incommodo d'essa aglomeração excessiva.

Os regios visitantes subiram a vasta escadaria, demorando-se S. Magestade o Imperador alguns momentos na sala da India, onde o illustre presidente sr. Ferreira do Amaral offereceu um formosissimo bouquet, composto de flores naturaes a S. Magestade a Rainha.

Depois do sr. conselheiro Ferreira do Amaral ler em francez a saudação da Sociedade de Geographia ao Imperador da Alemanha, respondeu este tambem em francez no seguinte e memoravel discurso, que constitue para nós um documento de grande valia pelas declarações que en-

cerca e pelas afirmações de amizade com que o soberano allemão honra Portugal.

«Meus senhores

Do fundo do meu coração agradeço á direcção e aos membros da illustre Sociedade de Geographia a brilhante recepção que me prepararam.

Sinto-me muito feliz em travar conhecimento com este centro intellectual, guarda fiel das obras que os vossos grandes homens, inspirando-se no genio de Henrique o Navegador, precursores do tempo moderno pelas suas idéas de conquista pacifica, commercial e scientifica, levaram a cabo, guarda ao mesmo tempo das grandes tradições em que brilharam nomes taes como Dias, Vasco da Gama, Magalhães, Almeida, Albuquerque, Serpa Pinto, Capello e tantos outros e entre elles um allemão Mark Behaim.

Sinto-me tanto mais feliz de estar em contacto com esta illustre instituição conhecida no mundo inteiro, quanto a Alemanha e Portugal estão ligados no terreno das empresas colonias por importantes interesses communs.

Nos fins do ultimo seculo as nações europeias estabeleceram os limites dos seus territorios e das suas espheras de influencia no continente africano, por solemnes tratados. Foi assim que a Alemanha e Portugal se tornaram visinhos a Este e a Oeste do continente negro.

Sinto particular satisfação em declarar aqui, em presença de Sua Magestade o augusto soberano do vosso bello paiz, e do seu governo, deante desta illustre assemblea, que tanto numa das costas, como na outra da Africa, temos vivido como visinhos leaes e bom amigos. Tenho a firme convicção que cada um de nós, á força de trabalho e de perseverança, conseguirá manter a paz, a tranquillidade e a ordem no seu territorio, e levar a bom fim a nobre missão civilisadora que empreendemos.

Se alguma vez as exigencias da nossa visinhança, do commercio e das relações de toda a especie, reclamaram um accordo ulterior, podem estar certos de encontrar em mim a melhor vontade e um espirito que saberá conciliar todos os interesses.

Deixo-os, meus senhores, exprimindo novamente o meu vivo reconhecimento e ao mesmo tempo a esperanza de que as possessões de Portugal em outros continentes, sob o sabio reinado do vosso augusto soberano e sob a intelligente direcção do vosso governo, continuarão no caminho do progresso e da civilisação e chegarão ao mesmo grau de prosperidade, que o magnifico paiz onde tenho a felicidade de me encontrar n'este momento e ao qual a Divina Providencia visivelmente prodigalisou os seus beneficios.»

A ovação mais calorosa correspondeu a estas palavras de Guilherme II ás quaes se attribue uma alta significação politica.

A recita de gala realisada n'essa noite em S. Carlos, correu brilhante e festiva, sendo S. Magestade Imperial recebido com estripitosas salvas de palmas e agradecendo Guilherme II do camarote todas as manifestações de que foi alvo, vivamente impressionado.

No dia 29 realisou-se a visita a Cintra. As ruas da villa achavam-se vistosamente engalanadas.

Até aos primeiros andares os predios estavam revestidos de verdura. As arvores tinham palmas com laços de fitas das côres nacionaes allemãs.

Havia tambem armados diversos palanques de onde algumas creanças lançaram flores á passagem de Suas Magestades e Altezas.

No palacio não havia ornamentações. Apenas uma grande variedade de plantas rarisimas se achavam dispostas pelas salas e pela escadaria.

Quando o comboio real chegou á estação os vivas romperam calorosos, e por todo o trajecto até ao palacio, por entre as alas de immenso povo que estava aguardando a passagem do cortejo, os monarchas portuguezes e o Imperador Guilherme foram vivamente saudados.

Ao chegar o cortejo ao palacio, Guilherme II visitou-o demoradamente, enquanto os convidados se conservaram na sala dos *Cysnes* aguardando a hora do almoço.

Esta sala achava-se decorada com pannos de Arraz, Smyrna e Persia e muitos objectos de grande valor.

O almoço foi servido na sala das Pegas vistosamente adornada com plantas, terminando pouco depois das 2 horas da tarde, tendo S. Magestade a Rainha Senhora D. Amelia tirado com a sua machina photographica alguns instantaneos do Imperador, na sala dos *Cysnes*, onde foi servido o café.

Na Pena o Imperador visitou as dependencias do palacio estando por muito tempo n'um dos

mirantes admirando o magnifico panorama que d'ali se disfructa. No parque a sua visita tambem foi minuciosa.

O Imperador fez largo elogio a Cintra não só ao pittoresco da sua disposição accidentada, como tambem a exuberancia da sua vegetação e dos bellos pontos de vista, que por todos os lados seduzem e encantam o visitante.

A' noite realisou-se o jantar no palacio da legação allemã, no Campo dos Martyres da Patria, o qual principiou cerca das 9 horas da noite e terminou ás 11, executando a Tuna Academica, sob a regencia do sr. Wenceslau Pinto, algumas peças de concerto por convite do sr. conde de Tattenbach, ministro da Allemanha n'esta córte, que apresentou a Tuna ao Imperador Guilherme.

O palacio da legação offercia um espectáculo deveras imponente pelo bom gosto das suas decorações, estando o vestibulo e a escadaria decoradas com massicos e vasos com plantas, vestindo as columnatas que ladeiam o pateo interior grande profusão de camelias, vendo-se a mesma decoração até ao 2.º andar do edificio.

No patamar do andar nobre a verdura desposta em vasos de cortiça, dava ao conjunto d'esta pittoresca decoração um tom de suavidade, de festa e de conforto.

No dia seguinte, destinado á partida o imperador Guilherme II, aproveitou o tempo antes do almoço occupando-o n'uma visita minuciosa ao museu dos coches reais, installado no pica-deiro do paco de Belem.

Da sua historia minuciosa se encarregou o sr. tenente coronel Alfredo de Albuquerque que a respeito de cada um d'esses objectos de arte, elucidou S. Magestade Imperial, pormonorisadamente, ouvindo-o o *Kaisser* com tão subido interesse, que no fim da visita agraciou este distincto militar com o officialato da Agua Vermelha.

Pouco depois das 9 e meia da manhã o cortejo sahia do palacio de Belem, levando á frente como batedores quatro 1.º sargentos de cavallaria 4, em seguida um esquadrão do mesmo regimento, seis moços de estribeira servindo de batedores, com as librés de gala e empoados, levando os cavallos adornados com fitas azues e brancas; tres carruagens com todos os membros da comitiva imperial e a carruagem de gala com S. Magestade o Imperador, que era acompanhado pelo srs. Conde de Tarouca camarista e Conde de Enlamburg.

Cavalgava á estribeira da cartuagem real o sr. coronel Mousinho de Albuquerque, e na frente o sr. tenente coronel Alfredo de Albuquerque fechando o cortejo a brigada de cavallaria.

Dirigiu-se o Imperador ao Paço das Necessidades onde foi despedir-se do sr. Infante D. Manoel, incorporando-se no cortejo outras carruagens com dignatarios, e tomando logar na carruagem real S. Magestade a Rainha Senhora D. Amelia dando a direita ao imperador e na frente S. Magestade El-Rei D. Carlos.

Na Calçada da Pampulha seguiram o cortejo as carruagens conduzindo S. Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia e o sr. Infante D. Affonso e os dignatarios de serviço, sr.º Marqueza de Bellas e os srs. Duque de Loulé e o Capitão Serpa.

O cortejo seguiu ate ao Largo do Municipio, donde as carruagens que conduziam S. Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia e os seus dignatarios de serviço saíram do alinhamento para seguirem para a Praça do Commercio, enquanto o resto do cortejo parava em frente da Camara Municipal.

Na sala das sessões, onde se achava armado o throno é que se realisou a recepção da Camara Municipal ao Imperador da Allemanha, lendo o seu digno presidente, sr. conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, uma mensagem de agradecimento ao *Kaisser* pela distincção d'aquella visita ao primeiro municipio do paiz e com que era honrada a cidade de Lisboa.

O Imperador Guilherme em resposta leu tambem uma mensagem em francez, mostrando-se reconhecido e penhorado pelo acolhimento que tinha recebido de todos os portuguezes.

Terminada a leitura da mensagem o sr. Conselheiro José d'Alpoim, ministro da justica, levantou um viva ao Imperador e outro a S. Magestade a Imperatriz da Allemanha, entusiasticamente correspondidos por todos os assistentes.

Então o Imperador desceu do throno, e, por entre uma prolongada salva de palmas, dirigiu se, a convite do sr. Conselheiro Antonio de Azevedo, para a sala da presidencia, sendo-lhe ahi apresentado o *Livro de ouro* onde Sua Magestade Imperial assignou *Wilhelm II R. 3o III*.

Em seguida Suas Magestades e Principe Real

inscreveram tambem as suas assignaturas no *Livro de Ouro*.

Terminada esta cerimonia retiraram-se Suas Magestades, dirigindo-se o cortejo para a Praça do Commercio, onde o Imperador, El-Rei e a Rainha Senhora D. Amelia eram aguardados no Pavilhão pela Rainha Senhora D. Maria Pia e pelo sr. Infante D. Affonso, ministerio, governador civil, pessoas da córte etc.

As despedidas do Imperador foram muito affectuosas, realisando-se o embarque pouco depois.

N'essa occasião o sr. Conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco levantou de novo vivas ao Imperador á Imperatriz e á familia real allemã.

Na saveira real tomaram logar os srs. Conde de Tattenbach, que fora convidado pelo imperador Guilherme a acompanhá-lo na sua viagem de Lisboa a Tanger, marquez de Alvito, D. Fernando de Serpa, Waddington, Guilherme Capello, Condes de Sabugosa e de Tarouca etc.

Seguiu a saveira real o bergantim onde iam S. Magestade El-Rei Principe Infante e o Imperador e uma flotinha de embarcações.

Quando o cortejo fluvial se dirigiu para o *Hamburgo* todos os navios de guerra embandeiraram em arco, salvando e soltando a marinha-gem os vivas da ordenança.

A despedida a bordo foi muito cordeal e affectuosa, acompanhando o imperador da Allemanha á escada do portaló, S. Magestade El-Rei, Principe Real e Infante D. Affonso.

O *Hamburgo* largou a amarração por entre novas salvas, seguindo em direcção á barra e levando na esteira o cruzador *Friederich Carl*.

Entre as diversas alianças celebradas com Portugal e Allemanha lembra-nos citar o casamento em 1450 da princeza D. Leonor, filha de El-Rei D. Duarte, neta de D. João I, com o imperador Frederico IV; o casamento da infanta

D. Maria, em 1552 filha do imperador Carlos V e da Infanta de Portugal D. Isabel, filha de El-Rei D. Manoel, com o Imperador Maximillano II; o casamento de El-Rei D. Pedro II, com a princeza Maria Sophia Isabel de Neuburgo, duqueza da Baviera; o casamento da Rainha D. Maria II em 1835, com o principe Fernando de Saxe-Coburgo-Gotta; e o casamento de El-Rei D. Pedro V, em 1858, com a princeza D. Estephania de Hohenzollern-Sigmaringem.

Tambem as infantas de Portugal D. Maria Anna e D. Antonia casaram com os principes das casas Coburgo-Gotha e Hohenzollern, tendo a primeira desposado em 1850 o principe George, de Saxe; e a segunda em 1861, o principe Leopoldo de Hohenzollern.

As decorações das ruas, especialmente do Chiado, rua Aurea e do Carmo eram ainda de mais aprimorado bom gosto que na visita da Rainha de Inglaterra, apresentando tambem o Rocio e a Praça de Camões illuminações vistossimas.

Na transformação das decorações do Chiado e da Rua Aurea apresentando esta ultima nos festejos do Imperador Guilherme um vistoso tunnel de luz electrica e a espaços o escudo nas armas allemãs, fizeram-se verdadeiros prodigios de dedicação para obter o resultado que todos foram unanimes em applaudir.

Para o bom exito d'estes trabalhos concorreram os nossos distinctos artistas scenographo Eduardo Reis, decorador Roberto Fino, pessoal dos bombeiros sob a direcção do Chefe Carvalho, engenheiro da Companhia Carris de Ferro sr. L. Masquer etc.

A concorrência nas ruas era incommoda e asfixiante pela poeira que se levantava, mas a boa ordem, a cordura com que todos se houveram, deu mais uma prova de que o povo da capital

S. M. o Imperador Guilherme II em Lisboa

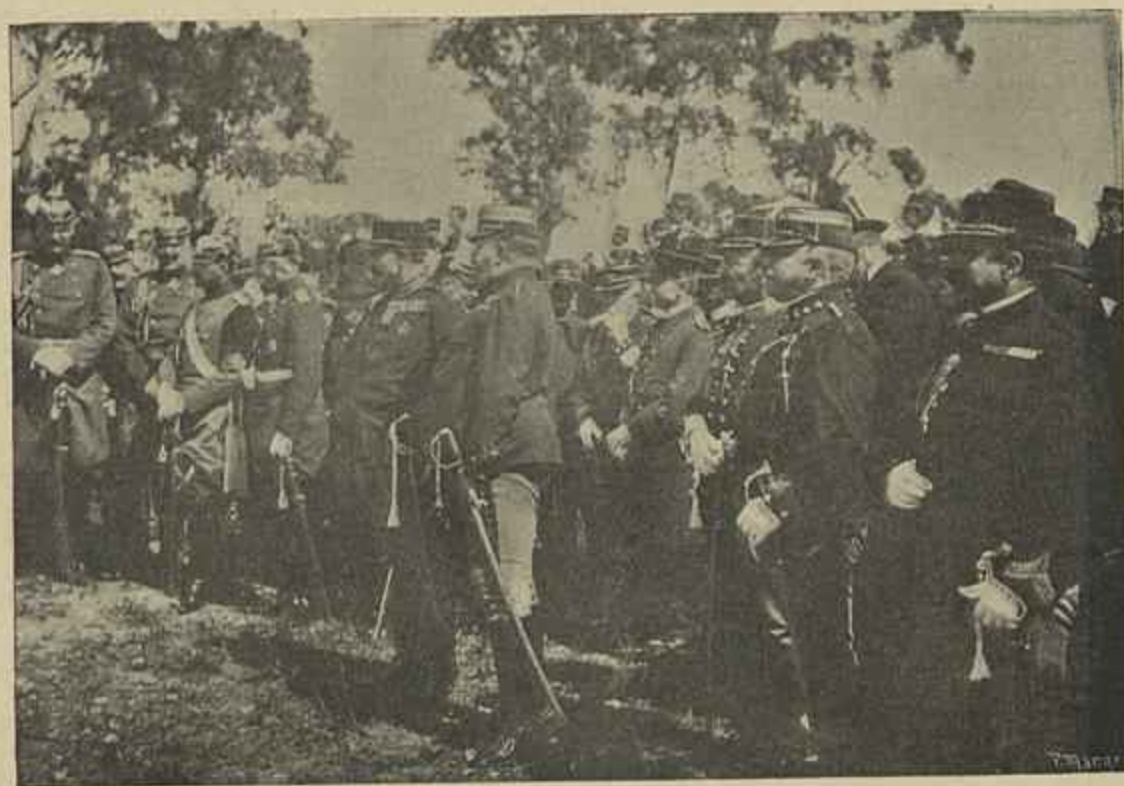


O PAVILHÃO ARMADO NA PRAÇA DO COMMERCIO PARA A RECEPÇÃO DE S. M. O IMPERADOR GUILHERME II

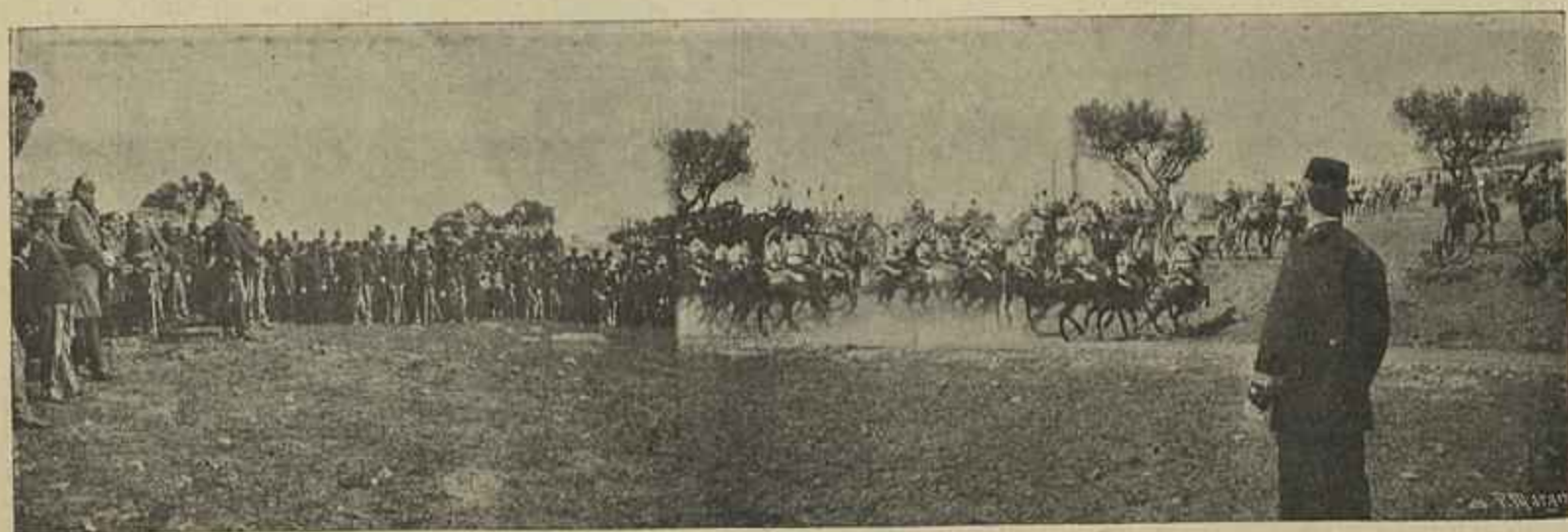
Sua Magestade o Imperador Guilherme II em Lisboa



SUAS MageSTADES O Imperador Guilherme II e El-Rei D. Carlos visitando os quartéis de cavallaria 4 e lancieiros
(Instantaneos do sr. Alberto Lima)



SUAS MageSTADES O Imperador Guilherme II e El-Rei D. Carlos assistindo aos exercicios da artilharia montada
(Instantaneos do sr. Benoliel)



Os exercicios da artilharia montada — Uma corrida em terreno accidentado
(Instantaneo do sr. Alberto Lima)

Sua Magestade o Imperador Guilherme II em Lisboa



NO CAES DAS COLUMNAS — O EMBARQUE DE S. M. O IMPERADOR GUILHERME II
EMBARCANDO NO BERGANTIM REAL
(Instantaneo do sr. Alberto Lima)

sabe manter os seus creditos de povo civilisado, quando se appella para os seus sentimentos de cortezia e de hospitalidade.

A iluminação no palacio de Belem era de bellissimo effeito, havendo outras muitas iluminações isoladas especialmente em bancos, companhias, casas commerciaes de firmas allemãs etc.

Os condes de Tattenbach

Completando a nossa chronica dos festejos imperiaes não devemos deixar de fazer alguma referencia ao illustre diplomata allemão, que, durante alguns annos, tem desempenhado na corte portugueza as altas funcções de ministro acreditado da nação allemã, d'onde ao que nos consta se retira para ir exercer o mesmo cargo em Marrocos.

O sr. Conde de Tattenbach tem gosado entre nós de muitas sympathias, sendo altamente considerado pela sua illustração, grandes faculdades de trabalho e de reconhecido apreciador de arte decorativa,

de que o seu palacio é um testemunho evidente.

A sr. Condessa de Tattenbach, tem grande proponderancia no mundo diplomatico onde é muito estimada pelos seus dotes de espirito e de talento, sendo uma mãe e esposa verdadeiramente exemplar, alem d'outros dotes de coração dignos de grande apreço e respeito.

SORABJI M. DAMANVALA

Publicamos hoje o retrato de Sorabji M. Damavalá, de Damão (India portugueza), a cujos actos de philantropia e altruismo nos referimos no n.º 944 do OCCIDENTE.

O nome d'esse benemerito subdito portuguez, que, em varias epochas de crises famineas e epidemicas, prestou valiosissimo auxilio aos infelizes povos da India, offerecendo-lhes dinheiro e mantimentos, e bem assim abrindo dispensarios gratuitos, é lembrado com muita saudade não só por aquelles povos, como tambem por todos quantos estiveram n'essa nossa dependencia ultramarina, onde elle deixou impereciveis testemunhos da fidalguia do seu coração.



S. M. O IMPEHADOR GUILHERME II ACOMPANHADO DE S. M. EI-REI D. CARLOS, CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA, ETC.
EMBARCANDO NO BERGANTIM REAL
(Instantaneo do sr. Benoiel)



S. M. O IMPERADOR GUILHERME II A BORDO DO BERGANTIM REAL

(Instantaneos do sr. Alberto Lima)



SS. MM. AS RAINHAS D. AMELIA E D. MARIA PIA E AS SRS.ª DUQUEZA DE PALMELLA, MARQUEZA DE FAYAL E D. LEABEL PONTE NO PAVILHÃO DA PRAÇA DO COMMERCIO Á PARTIDA DE S. M. O IMPERADOR.

Sua Magestade o Imperador Guilherme II em Lisboa



AS ILLUMINAÇÕES NA RUA AUREA
(Desenho do sr. R. Christino)

Desinteressado e desprezencioso até mais não poder ser, Sorabji nunca ambicionou a notoriedade, furtando sempre á publicidade as suas obras de beneficência, porque dizia que estas lhe eram impostas pelo dever da sua religião e que no cumprimento de semelhante dever encontrava a maior recompensa.

Repetidas vezes o quiz agradecer o governo, portuguez propondo-lhe até o titulo de conde, mas Sorabji recusou todas as distincções, preferindo

talvez a suprema distincção de ser um homem de bem e útil ao proximo.

Era muito atilado e o seu conselho tido em grande estima por todas as corporações commerciaes de Bombaim e no municipio de Damão, de que foi presidente por longos annos.

A sua formosa vivenda em Damão, rodeada de ricas quintas esteve sempre aberta aos portuguezes que ali eram recebidos com as mais captivantes attentões.

Sorabji não deixou successão masculina, e, por isso, conforme os usos e costumes da India orthodoxa, adoptou, pouco antes de fallecer (1898) como herdeiro e representante da sua casa, o seu neto, filho da sr.^a Meherbai e Bomonji Padaniji, de quem já publicamos os retratos.

Ahi fica esboçada em poucas palavras a carreira d'um homem rico e intelligente, que passou a vida fazendo o bem — *pertransit benefaciendo* — e, por isso, tem justa cabida entre os benemeritos da humanidade.

— — —
Conan Doyle

O DEDO POLEGAR DO ENGENHEIRO

— Esta ferida deve ter sido feita por um instrumento pesadissimo e muito afiado; observei após de haver examinado a ulcera.

— Foi. O instrumento era semelhante a um cutello de cortador.

— Um accidente, supponho eu.

— Não senhor.

— Como assim ?? Um attentado ?

— Exactamente.

— Mas isso é horrivel !

Esponjei-lhe a ferida, limpei-a, pensei-a; e, em conclusão, envolvi-a em algodão e liguei-lhe a mão com ligaduras phenicas. O meu paciente per-

maneceu todo o tempo reclinado na cadeira, sem bulir, notei, porém, que mordida os beiços amuide.

— Como se sente ? perguntei, concluida a operação.

— Muito bem. O seu cognac e o penso fizeram de mim outro homem. Sentia-m e muito fraco quando aqui cheguei, não, que eu tambem, passei um bocado duro de roer.

— Não fallemos nisso, para lhe não excitar os nervos.

— Já estão mais socegados. E d'ahi, tenho que contar a historia á policia. E todavia, confesso-lhe que, a não ser o testemunho evidente da minha ferida, não acreditariam o meu depoimento, tão extraordinario é, e tão destituído de provas. E no caso de que quizessem proceder a um inquerito, as indicacões que tenho que dar são tão vagas que duvido de que possam fazer justiça.

— Ah! exclamei, se o caso envolve um problema que deseja ver resolvido, recommendo-lhe instantemente que venha comigo a casa de Mr. Sherlock Holmes, meu amigo, antes de apellar para a policia official.

— Já ouvi fallar nesse sujeito e muito estimaria entregar-lhe o meu negocio, comquanto eu, já se vê, tenha que recorrer ainda á policia. Se quizesse dar-me duas linhas de recommendação para esse senhor ?

— Farei mais. Eu proprio o acompanharei a procurá-lo.

— Ficar-lhe-ei immensamente grato.

— Vamos tomar uma carruagem e iremos ambos visitá-lo. Chegaremos á propria hora de almoçar com elle. Convenem-lhe ?

— Do melhor grado, não socego enquanto lhe não contar a minha aventura.

— Muito bem, a minha criada vaç chamar um trem: conceda-me um instante, eu volto já.

— Subi ao meu quarto, expliquei em duas palavras o negocio a minha mulher, e d'ali a cinco minutos, ia eu em *cab*, rodando com o meu novo cliente em direcção a Baker Street.

Sherlock Holmes, conforme eu suppunha, estava a entreter tempo na sua sala, embrulhado n'um chameiro, a ler as columnas de annuncios do *Times* e fumando a sua cachimbada anteriormente ao almoço, cachimbada que era um composto de residios e sobejos da vespera, postos a enxugar com o maximo cuidado e amontoados no canto da chaminé. Recebeu-nos com a costumada affabilidade, encommendou um supplemento de bifes na grêlha e de ovos, e comeu connosco manifestando optimo appetite. Quando acabámos, accomodou o nosso hospede em um sofá, poz-lhe uma almofada debaixo da cabeça



AS ILLUMINAÇÕES DO PALACIO DE BELEM, ONDE FOI HOSPEDADO S. M. O IMPERADOR GUILHERME II
(Desenho do sr. R. Christino)

e um copo de agua com mistura de cognac ao alcance da mão.

— Vejo que não foi banal a sua aventura, senhor Hatherley, disse. Estenda-se para ahi, e faça de conta que está em sua casa. Fale, se as forças lho consentem, mas pare, mal que se sentir fatigado, e vá amparando as forças com o auxilio d'este estimulante.

— Obrigado, disse o doente, sinto-me outro desde que o doutor me pensou a ferida, e creio que o seu almoço completaria a cura. Desejo abusar o menos possível do seu tempo, tão precioso, e entrarei desde já no assunto.

Sentou-se Holmes em ampla poltrona, semi-cerrada os olhos, e assumiu aquella sua attitude quebrantada que a tal ponto constatrava com a sua indole viva, animada; sentei-me defronte d'elle e, silenciosos, escutámos a singular narrativa que nos foi feita pelo nosso visitante.

— Convem que saibam que sou orfão e solteiro; móro sósninho, em Londres, occupo um aposento mobilado. Exerço a profissão de engenheiro hydraulico, e tenho adquirido bastante experiencia durante os sete annos de aprendizagem que cumpri em casa de Venner e Matheson, firma muito conhecida de Greenwich. Concluiu eu o meu tempo, ha dois annos, quando a morte de meu pae veio pôr á minha disposição meios sufficientes para me estabelecer por minha conta; nessa conformidade aluguei um escritorio em Victoria Street.

E' sempre trabalhosa a estreia em negocio, mas com certeza tive que luctar com maiores difficuldades que outro qualquer. Pelo espaço de dois annos, bem contados, apenas me appareceram duas consultas e um trabalho de pouca importancia. Eis quanto me tem rendido a minha profissão. Durante este lapso de tempo, os meus rendimentos liquidos montaram a 27 libras e meia. Cada dia, das nove ás quatro da tarde, esperava eu em vão no meu cubiculo os visitantes que nunca appareciam e principiava a perder a paciencia e a suppor que jámais viria a ter clientella.

E todavia, hontem, no proprio momento em que me dispunha a ausentar-me do escritorio, eis que entra o meu empregado a participar-me que desejava falar-me um sujeito. Apresentou-me um bilhete de visita com o nome do coronel Lisander Stark e acto, continuo, quasi, vi entrar por ali dentro o proprio coronel.

Era um homem de estatura mediana, mas de magreza tal, como me não recordo de haver visto coisa semelhante. O nariz e a barba salientavam-se naquella seu rosto cortado á podôa, e a pelle das faces parecia como que esticada sobre as maçãs do rosto, accentuadissimas, alias. Magreza tão extrema dir-se-ia constituir o seu estado natural, e não ser o effeito de uma qualquer enfermidade, a tal ponto o seu olhar era fulgente, ligeiro e agil o seu modo de andar; trajava com esmero porem com singeleza, aparentando orçar pelos quarenta annos.

— O senhor Hatherley? proferiu, com um tal ou qual sutaque germanico. Recommendaram-me a sua pessoa, não só pela sua capacidade como engenheiro, senão ainda pela sua discreção a toda a prova.

Cumprimentei, muito ufano com o cumprimento.

— Ser-me á licito perguntar quem foi que lhe deu tão lisonjeira informação? inquiri.

— Hum, será melhor, talvez, que lho não diga desde já. Soube, da mesma fonte, que é orfão e solteiro e que vive sósninho, em Londres.

— E' exactissimo, retorqui, mas não atinjo que relação isso possa ter com os meus predicações profissionais; suppus que viria consultar-me acerca de qualquer questão de officio.

— Sem a minima duvida. E todavia, tornava-se necessario um tal preambulo, visto como, se tenho necessidade de um individuo da sua profissão, urge tambem que o dito individuo seja de uma discreção absoluta, absolutissima, creio que me terei feito entender. Ora, essa qualidade encontra-se mais amiude entre os celebratários do que entre homens vivendo no seio da familia.

— Se eu lhe der a minha palavra em como guardarei segredo, retorqui, pode contar comigo em absoluto.

Mirou-me de fito enquanto eu falava, e estou persuadido de nunca ter visto olhar mais desconfiado e inquisidor.

— Com que, então, promete? disse por fim.

— Sim, senhor, prometto.

— Silencio absoluto e completo, antes, durante e depois: Nem sombras de allusão ao objecto, quer por palavras, quer por escripto?

— Dei-lhe já a minha palavra.

— Muito bem.

Ergueu-se de chofre, atravessou o recinto qual

relampago, e abriu a porta. Estava êrmo o corredor.

— Optimo! exclamou ao regressar. Sei que os caixeiros tem por feito ser curiosos com respeito aos negocios dos patrões. E agora, podemos conversar á vontade.

Acercou da mesinha a sua cadeira, principiou novamente a examinar-me com o mesmo olhar prescrutador e reflexivo. Senti de subito invadir-me um sentimento de repulsão, e direi até de pavor, em presença dos modos singulares d'aquelle homem descarnado. O proprio receio de perder um cliente não pôde impedir-me de manifestar impaciencia.

— Queira expôr-me o seu caso, senhor, emiti; o meu tempo é precioso.

O ceu me perdõe esta ultima frase, pois era apenas uma mentira torpe; mas saiu-me sem querer da boca.

— Aceitaria acaso sessenta guinéus, por uma noite de trabalho?

— Certamente.

— Quando digo uma noite de trabalho, deveria ter dito uma hora. Necessito unicamente do seu parecer acerca de uma prensa hydraulica que funciona mal. Se nos fizer ver por onde é que ella claudica, nós mesmo a poderemos concertar. Que me diz a este bico d'obra?

— Que a tarefa me parece facil e soberbo o salario.

— Sou de egual parecer. Poderá vir esta tarde pelo ultimo comboio?

— Posso.

— A Eyford, no Berkshire. E' um pequeno logarejo situado nos confins do Oxfordshire, e dista sete milhas de Reading. Sae de Paddington em comboio que o porá ali ás 11 horas e 15 minutos, aproximadamente.

— Muito bem.

— Virei buscá-lo com uma carruagem.

— Visto isso fica longe da estação?

— Fica, a nossa toca é um descampado dista da estação de Fxford sete milhas puchadinhas.

— Sendo assim não deitaremos lá antes da meia noite, e supponho que não encontrarei comboio que me traga para aqui. Tenho então que passar lá a noite?

Com certeza, hospedá-lo-emos sem que isso nos traga incommodo.

— Causa-me um certo transtorno. Não seria possível estar de volta a uma hora mais pratica?

— Não é, e foi exactamente para lhe compensar um tal incommodo nocturno que lhe offerecemos ao senhor, homem moço e desconhecido, honorarios equivalentes aos que poderia exigir-nos uma celebridade da sua profissão.

Não obstante, se prefere desistir do negocio, ficará de nenhum effeito, naturalmente.

(Continua.)

M. Macedo.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

Vamos hoje indicar, aos amadores d'esta arte a forma de melhor se poder photographar um cavallo. A parte mais importante n'este genero de photographia, é a maneira de focar. Se o animal dista muito da objectiva, a cabeça e o pescoço ficarão muito pequenos em relação á garupa, se proximo, succede o inverso. Colloque-se o cavallo a photographar n'um terreno inclinado, de modo que as mãos fiquem um pouco acima dos pés, e a cabeça, portanto, um pouco levantada. Faça-se um ruido qualquer, e o cavallo levantará as orelhas; é este o momento opportuno de photographar.

Se o cavallo estiver arriado, photographal-o-hemos, n'um terreno liso.

Para o photographar em movimento, colloque-se a camara, tão perto do solo quanto possível, obtendo-se d'esta forma, o cavallo saltando, apanhando-se todas as evoluções das patas.

(Photographia française.)



Recebemos e agradecemos:

As Creanças (Notas de um pae), 2.ª edição. — Coimbra. Imprensa da Universidade 1904. — Este livro firma-o um dos nomes mais prestigiosos da actualidade: o sr. conselheiro Bernardino Machado, illustre lente da faculdade de philosophia da

Universidade, escriptor, orador e publicista dos mais festejados e aureolados pela sympathia publica e tambem dos de maior reputação nos centros scientificos do estrangeiro.

As Creanças são as notas de um pae, mas notas encantadoras, escriptas n'uma linguagem como a indole da obra requer e as protagonistas a falam: desprezenciosa, singela, sem artificios, sem burladas, com todo o sabor portuguez e com todo o grande saber de um mestre da penna e da palavra ao serviço de uma das mais proclaras faculdades intellectuaes da actualidade.

As Creanças é um encadeamento de singelas observações, de anedoctas, de phrases, de estudos que se leem de um jacto, que nos leyam o espirito para esse passado que não volta, para essa idade cheia de sonhos, de simplicidades, de innocencia em que ainda se não forma uma ideia do que seja o mundo, quanto mais de todas as podridões e bellezas que elle comprehende.

Estas notas de um pae, podem tomar-se pelos conselhos de um pae, conselhos auctorizados d'uma alta competencia e de um grande coração, proprios a guiar os paes e os tutores na educação d'esses pequeninos entes, tão mal comprehendidos nas suas manifestações infantis.

«As faculdades teem uma certa capacidade, que é mister não exceder. Seja o que for que se dê demais a uma creança, comida, brinquedos ou estudo, ella vomita. E' vêr como as mais pequeninas, enfiadas de quizesquer bonitos, os arremessam para longe. São censações demais.»

E ainda referindo-se á demasiada applicação ao trabalho intellectual é de opinião o auctor d'As Creanças:

«Que não se deve puxar de mais pela infancia. Com razão o nosso povo diz que as creanças morrem principalmente de doenças de cabeça, os moços de doenças de peito e os velhos de doenças de ventre. As creanças são tão cerebraes! Vejam como diminue tão rapidamente a relação entre o peso do cerebro e o peso total do corpo: na epoca do nascimento, 12, 4 por 100; na idade de um anno 10, 9; aos 5 annos 8, 4; aos 15 annos 3, 8; e aos 25 annos 2, 3.»

Recommendam tambem indulgencia para com ellas, aconselha os paes a que não as fatiguem com preoccupações demasiadas, que lhes não batam, que sejam carinhosos.

«Não ha remedio senão ter certa indulgencia com as creanças. Não se opprimam a querer fazer logo d'ellas umas pessoas formaes. Coitadinhas! fatigam-se do sem numero de cuidados a que as obrigam.»

Mas não pense, que sendo tão bom para ellas, o sr. dr. Bernardino Machado, não condemna o dar-se-lhe excessivo mimo que as torne incapazes do menor serviço que lhes custe um esforço. Aconselha elle a que nenhum pae bata n'uma creança, sem lhe ralhar asperamente, se não quer ter o tremendo castigo de ser por ella repellido e não lhe servir de nada, quando ella n'uma doença grave tanto precisa dos seus cuidados, e elle de lh'os dar.»

Não acabariamos de fazer citações se nos propozessemos a querer tornar conhecidas dos que nos leem todas as passagens interessantes d'esse livro tão util nos conceitos, tão ameno e primoroso na forma, e de tanta necessidade ao aperfeiçoamento dos educadores e dos chefes de familia.

A' dedicatória que é uma homenagem de antiga amizade do seu auctor pelo nosso director artistico, não podemos deixar de prestar aqui um testemunho de reconhecimento, tanto nos é agradável registar tudo que falle ao coração do nosso querido amigo Caetano Alberto.

Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes. — Publicou-se o n.º 10 da 4.ª serie, contendo uma colaboração escolhida e interessante, em que figura a curiosa noticia dos *Muscus* creados em Portugal até ao fim do seculo xviii, em 1870, publicados em folhetins no *Commercio do Porto*, pelo sr. Ignacio de Vilhena Barbosa.

Boletim Salesiano. — Está no n.º 12 do 3.º anno, esta revista mensal illustrada, órgão da *Pia União dos Cooperadores Salesianos*. Occupa-se principalmente da 2.ª exposição triennial das escolas profissionais e colonias agricolas de Dom Bosco em Turim. O seu artigo principal é tambem consagrado ao 50.º anniversario da definição da Immaculada Conceição.

Novos bilhetes postaes Paulo Guedes. — Este nosso amigo o mais entusiasmado propagador da mania, aliás bonita, de colleccionar bilhetes



SORABJI M. DAMANVALA

postaes illustrados, acaba de comprar de sociedade com o sr. Miguel Julio Saraiva o estabelecimento da firma Bizarro & Silva para a venda de artigos de papelaria, tendo annexa uma typographia. Esta papelaria, estabelecida na rua Aurea, 78 e 80, fica sendo agora administrada pela firma Paulo Guedes & Saraiva.

Paulo Guedes, um activo trabalhador e bom rapaz, enviou-nos uma colleção de postaes illus-

trados *Vivinha o saltar* em abecedario e cada uma das letras apresenta duas ou tres personagens da festejada revista de Camara Lima e Mello Barreto e que com esse titulo foi representada pela companhia Portulez no Avenida e na Rua dos Condes.

Além d'essa colleção publicou 5 vistas de Aldeia Gallega do Ribatejo, e mais 4 postaes *Imprevistos* que são muito espirituosos.



UM MENINO PARSE

Tem em preparação e espera em breve pôr á venda um postal — o nono — da Galeria Jornalística Portugueza, que é uma homenagem ao Occidente, e insere os retratos do proprietario, director, administrador e collaboradores.

Desejamos ao nosso amigo Paulo Guedes as prosperidades de que é digno pelas suas boas qualidades de espirito e de trabalho, agradecendo-lhe a gentileza que teve para conosco.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 411, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

EMPRESA DE CARRUAGENS FIDELIDADE

Proprietario — JOÃO FILIPPE DA FONSECA JUNIOR
N.º TELEPHONICO 500

Aluga Coupés, Mylords, Galechas, Landaus e Clarences
PARA TODOS OS SERVIÇOS

Rua de S. Bento, 46 — LISBOA

É no ESTORIL, Parque do Ex.º Sr. José Vianna

Caixa Geral de Depositos e Instituições de Previdencia

Operações pela Caixa Geral de Depositos

Adiantamentos de juros de quaesquer titulos de divida publica que não estejam immobilizados perpetua ou temporariamente. — Empre-timos a curto prazo sobre penhores dos mesmos titulos — Empre-timos a corporações administrativas. — Desconto de letras sacadas sobre o thesoureiro do ministerio da marinha. — Adiantamentos de vencimentos a funcionarios publicos e pensionistas do estado. — Operações em c/c de subsidios devidos por lei e descriptos no orçamento geral do estado com encargo regular e effectivo do thesouro.

O juro, prazo e demais condições das operações acima mencionadas serão determinados segundo as circumstancias do mercado.

Operações pela Caixa Economica Portugueza

Depositos vencendo juros de 3,50 por cento ao anno capitalizados annualmente. Os depositos podem-se elevar em cada anno até á quantia de 1:000.000 réis, não podendo, porém, cada depositante ter em deposito quantia superior a 3:000.000 réis.

LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES



Medaille à l'Exposition Universelle de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol, Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO
* LISBOA *

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA
(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE

REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobillas e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA